



Conversa

[Cadernos] PPG-AU
FAUFBA

Produção Editorial Autônoma em Arquitetura e Urbanismo

Conversa entre:

Leo Name

Universidade Federal da Bahia

Ana Baltazar

Universidade Federal de Minas Gerais

Marcelo Tramontano

Universidade de São Paulo

Tereza Spyer

Universidade Federal de Ouro Preto

João Soares Pena

Universidade do Estado da Bahia

A conversa, a seguir, é uma transcrição e adaptação do episódio do Podcast Urbanidades,¹ com o apoio de um aplicativo de inteligência artificial, gravado em 3 de outubro e publicado em 24 de novembro 2023. Sob a condução de Leo Name (UFBA), dele participaram Ana Baltazar (UFMG), Marcelo Tramontano (USP), Tereza Spyer (UFOP) e João Soares Pena (UNEB), que revisaram e agregaram contribuições ao texto final.

No bate-papo, o grupo de docentes compartilha experiências na produção, em maior ou menor grau distanciada de práticas e fluxos editoriais mais rígidos — de livros e periódicos no campo de Arquitetura e Urbanismo. Baltazar, por exemplo, destaca a criação dos selos NPGAU, MOM e Cosmópolis, desde sua coordenação no NPGAU/UFMG (2019-2021), que têm permitido a publicação de livros fora de editoras tradicionais, priorizando qualidade gráfica, agilidade e liberdade editorial. Tramontano, por sua vez, destaca que o [Nomads.usp](#) (IAU-USP), fundado em 2000, lançou a revista [VIRUS](#), em 2006, para divulgar as pesquisas do grupo de forma independente e combater distorções midiáticas sobre seus estudos. Inicialmente nos formatos físico e on-line, hoje a revista é totalmente digital e tem a classificação A3 no antigo Qualis da CAPES — possivelmente devido à interdisciplinaridade, ao multilinguismo (português, inglês e espanhol) e à adesão de intelectuais internacionais. Spyer, Pena e Name, por fim, falam das publicações do ¡DALE!, criado em 2016, na UNILA, e, atualmente, vinculado à UFBA, com vistas a disputar a geopolítica do conhecimento. Para isso, o grupo vem organizando dossiês temáticos sobre o giro decolonial, tendo colaborado com dois periódicos — [Redobra](#) e [Revista Epistemologias do Sul](#); e, atualmente, tendo seu próprio periódico: [Laje](#).

O grupo destaca, também, a escassez de revistas de fluxo contínuo em Arquitetura e Urbanismo, no Brasil, com filas para publicação, a baixa diversidade temática e o pouco investimento no seu design gráfico, como motivações para a produção mais autônoma. A liberdade editorial permite, além disso, curadorias temáticas e a experimentação de formatos — vídeos, entrevistas, traduções, ensaios visuais —, ampliando perspectivas epistemológicas e resistindo à padronização de periódicos como meros repositórios de artigos isolados. No entanto, destacam o quanto o trabalho editorial é árduo, urgindo o aporte de mais investimentos públicos para assegurar sua continuidade e expansão.

¹ Nota dos Editores (N.E.) — O [Podcast Urbanidades](#) volta-se ao urbano brasileiro e é produzido, roteirizado e distribuído pelo UrbanData-Brasil e o Centro de Estudos da Metrópole da USP. Tem mais de 100 episódios com autores e autoras de publicações, representantes de organizações institucionais em estudos urbanos e equipes de dossiês e eventos acadêmicos. Ouça o episódio sobre produção editorial em Arquitetura e Urbanismo [aqui](#) ou como segundo anexo deste texto na página dos Cadernos PPG-AU/FAUFBA.

Leo Name: Estamos aqui para discutir e debater, com esses convidados maravilhosos, sobre a produção de revistas ligadas ao campo de Arquitetura e Urbanismo, ainda que com uma “pegada” interdisciplinar, e também sobre livros ligados a esse campo, ambos feitos de forma mais autônoma, muitas vezes pelos próprios grupos de pesquisa, e sem passar por editoras tradicionais. Vamos conversar sobre como é esse trabalho, como é o financiamento e como são essas escolhas. Eu queria começar com a Ana [Baltazar], porque acho que o caso dela é o mais diferente. Se não me engano — e você me corrija, Ana —, foi quando você era a coordenadora do NPGAU/UFMG que se criou o chamado Selo NPGAU, que tem permitido que os grupos de pesquisa desse programa de pós-graduação façam publicações de forma mais autônoma, geralmente no formato de livros. Eu queria saber como foi a decisão de fazer esses livros dessa forma e por que optar por não usar editoras maiores, como a Editora da UFMG, por exemplo.

Ana Baltazar: Quando eu estava na coordenação do programa de pós percebemos que havia uma produção muito grande — tanto de estudantes egressos quanto de professores. Era uma produção que acabava entrando numa espécie de fila para ser publicada, podendo levar de cinco a sete anos para sair por uma editora como a da UFMG. Além disso, havia algumas amarras, principalmente no design dos livros, que, pessoalmente, eu acho muito feios: o material do livro, o formato... Quando você tem um trabalho que exige um cuidado gráfico maior, fica difícil publicar num formato mais engessado.

Começamos a conversar bastante sobre isso, principalmente com a Silke [Kapp], pensando na produção do Grupo MOM [Morar de Outras Maneiras]. Queríamos fazer uma coleção própria. Já tínhamos em vista a tradução do *H₂O*, do Ivan Illich (2025),² alguns outros textos e até a possibilidade de publicar um livro inédito do Sérgio Ferro. Foi aí que surgiu a ideia de criar um selo próprio, para que pudéssemos fazer livros mais caprichados. Gostamos muito de uma produção gráfica bem-feita: livros bem escritos, bem diagramados, com aquele cuidado para que o texto fique legível, que se consiga segurar o livro sem ter que colocar o dedo sobre o texto. Queríamos um cuidado editorial que, sinceramente, não estávamos vendo nos livros em geral.

Na época, começamos a explorar a possibilidade de criar selos editoriais. A editora da Escola de Arquitetura, que é um braço da editora da UFMG, tem um pouco mais de independência e permite esse tipo de iniciativa. No entanto, mesmo por lá, era neces-

² N.E. — A belíssima tradução e edição do texto de Illich, feita por Silke Kapp, foi publicada numa parceria do selo MOM com a N-1 Edições, em 2025. Mais informações no [site do MOM](#).

sário cumprir vários requisitos. Foi aí que propusemos à Congregação da Escola a criação de selos para os grupos de pesquisa e os programas de pós. Como somos dois programas de pós na Escola, além dos grupos de pesquisa, propusemos inicialmente que os interessados em criar seu próprio selo encaminhassem para aprovação da Congregação a linha editorial, explicitando o público-alvo e uma lista de livros que já estavam sendo preparados. Também apresentamos propostas de coordenação editorial, conselho editorial, formas de financiamento, distribuição, política de direitos autorais e outros desdobramentos ligados à Escola.

Assim, surgiram os Selos do MOM e do NPGAU. Depois, o Cosmópolis, outro grupo de pesquisa forte na escola, também propôs um selo. Hoje, no Selo do NPGAU, quem está à frente somos eu, do MOM, e a Renata Marquez, que é também da revista Piseagrama, com bastante experiência editorial. No Conselho editorial do Selo do MOM, temos a Silke, eu, a Leta [Margarete Maria de Araújo Silva], o Ró [Roberto E. dos Santos], o Tiago Castelo Branco e o João Marcos [de Almeida Lopes], do IAU-USP. Pelo Selo do MOM, o primeiro livro que publicamos foi *Canteiros da Utopia*, da Silke (KAPP, 2020). Depois veio *Construção do Desenho Clássico*, do Sérgio Ferro (2021), e um outro, em dois volumes, *Moradia e Outras Margens* (KAPP; BALTAZAR, 2021a; 2021b), que é uma compilação que eu e Silke organizamos. Esse grupo existe desde 2004, e nesse último trabalho fizemos um apanhado da sua trajetória de 2004 até 2020, publicando os volumes em 2021. Já pelo selo do NPGAU, temos a Coleção Especial Notório Saber, que inclui livros de dois titulados por Notório Saber em Arquitetura e Urbanismo pela UFMG: o Joelson de Oliveira (2022), da Teia dos Povos, do Assentamento Terra Vista, e o Cacique Babau (2022), que tem uma atuação muito importante na retomada da terra na Serra do Padeiro, terra indígena Tupinambá, no sul da Bahia. E na Coleção NPGAU publicamos livros de professores, egressos, estudantes de doutorado e mestrado, mas nunca teses ou dissertações. Esses livros são pensados para um público mais amplo, incluindo o público leigo. Eles não têm aquela rigidez de metodologia ou a linguagem científica típica de teses e dissertações. Na primeira chamada, publicamos dois livros; na segunda, foram mais seis. Agora estamos prestes a publicar mais quatro, incluindo tanto coletâneas quanto livros autorais.

Leo Name: O que precisa, burocraticamente, além de um CNPJ? E você acha que esse fluxo mais livre para a publicação auxiliou no aumento da avaliação da Capes para o programa, que recentemente chegou à nota 7?

Ana Baltazar: Não, a publicação não chegou a impactar a nota do programa. A nova nota se refere ao quadriênio 2017-2020, e só começamos os selos no final de 2020. Então,

ainda não deu tempo de ter esse impacto. Mas o que eu acho que influenciou a nota do programa foi a quantidade de coisas interessantes que já estavam ali, mas que não tinham sido publicadas ainda, que começaram a aparecer no relatório da Capes.

Do ponto de vista burocrático, tivemos uns problemas. Fomos bem ingênuos, porque achávamos que a editora da Escola de Arquitetura tinha um CNPJ próprio, mas não tinha. O CNPJ é o da Escola de Arquitetura da UFMG, e isso complica muito. Por exemplo, não podemos vender os livros e receber o dinheiro diretamente para o selo. Em uma universidade federal, o dinheiro vai para um lugar que é quase um limbo e, se não for gasto até o fim do ano, tem que ser devolvido ao tesouro. Então, isso cria uma dificuldade enorme. Outro problema é a distribuição dos livros. Não se consegue fazer isso diretamente. O que fazemos é criar parcerias com livrarias ou distribuidores interessados, que nos procuram. Mas há vários obstáculos para a Escola de Arquitetura receber o dinheiro das vendas: os livros estão disponíveis, são vendidos, mas o pagamento acontece numa espécie de troca. Não é a situação ideal. Agora, estamos pensando em firmar parcerias mais estruturadas com editoras ou livrarias para viabilizar isso de uma forma melhor.

Leo Name: É possível baixar o livro em PDF gratuitamente, não é? Essa compra de que você fala é para quem quiser uma brochura, um livro físico? Como é que vocês conseguem produzir o livro físico?

Ana Baltazar: Trabalhamos com uma tiragem mínima de 300 exemplares, tanto no NPGAU quanto no MOM. Alguns livros do MOM foram feitos com tiragens maiores, de 500 exemplares. O recurso, geralmente, vem de pesquisas. No caso do NPGAU, estamos lidando com recursos da FAPEMIG e da Capes para viabilizar a impressão dos livros. Trabalhamos com gráficas de ótima qualidade, aqui, em Belo Horizonte. Além disso, já imprimimos livros com recursos da Finep: por exemplo, os dois volumes do MOM e o primeiro livro da Silke, *Canteiros da Utopia*. Mas, independentemente disso, todos os livros, tanto do NPGAU quanto do MOM, seguem um princípio semelhante ao Creative Commons. Ou seja, eles podem ser distribuídos à vontade, copiados e compartilhados, desde que a autoria seja citada e que não sejam comercializados. No NPGAU, por exemplo, já recusamos publicar um livro porque o autor não concordava com a distribuição aberta. Isso é um pressuposto do nosso trabalho: a distribuição tem que ser aberta, *open source*. Todos os títulos estão disponíveis on-line. No site do MOM tem o selo [MOM Edições](#). No [site do NPGAU](#) você encontra o selo NPGAU, com links para baixar os PDFs de todos os livros.

Leo Name: Passando para o Marcelo [Tramontano], que me corrija se eu estiver errado... A VIRUS é uma revista que começa em 2006, inicialmente publicada através de um site próprio, e está ligada ao grupo Nomads.usp, que você lidera. Queria saber: quando surgiu o grupo e qual foi a necessidade para se criar a V!RUS que, dentre as publicações de que temos representantes nessa conversa, é a que tem mais longa vida, com quase duas décadas?

Marcelo Tramontano: Criamos o Nomads.usp em 2000. Na época, ele era o Núcleo de Estudos de Habitação e Modos de Vida. Foi naquele clima de euforia do novo milênio. Logo que começamos, passamos a receber muitas demandas da imprensa para entrevistas — jornais, tevê, enfim. Isso foi crescendo de uma maneira bem maluca, às vezes tínhamos três, quatro entrevistas por semana. Foi ótimo, porque ajudou os pesquisadores do Nomads a treinarem para essas situações. Também nos dedicávamos muito a refletir sobre o habitar, não por conta do novo milênio, mas pelo que o habitar significava naquele momento. Talvez porque éramos um dos poucos grupos trabalhando com esse tema na nossa área, acabamos recebendo muita atenção. Mas percebemos que, muitas vezes, havia deturpações ou interpretações nas entrevistas, às vezes por razões editoriais. Acabavam veiculando opiniões ou ideias que não correspondiam exatamente ao que estávamos pesquisando ou ao que gostaríamos que fosse divulgado.

Em 2004, já estávamos trabalhando com a questão dos meios digitais em arquitetura, tanto no que diz respeito ao habitar, modos de vida, quanto nos processos de projeto e na informatização dos espaços. Eram temas que, naquele momento, não tinham muita acolhida na área. Era difícil discutir isso ou encontrar interlocução. Na época, por exemplo, o LAGEAR, da UFMG, foi um grande interlocutor nosso, entre outros grupos. Com o tempo, dentro do Nomads, amadureceu a ideia de que a internet era um novo território — lembrando que a internet de acesso público tinha menos de 10 anos de existência. Começamos a pensar no que poderia ser a difusão de conhecimento nesse novo espaço, utilizando linguagens próprias dele. E uma das questões que surgiram foi justamente essa: o que é um artigo científico no contexto da internet? Se temos tantos meios para expressar uma série de coisas, começamos a nos perguntar: como um artigo que, por exemplo, contém um vídeo — e esse vídeo veicula imagens, situações, afirmações — pode ser citado em outro texto ou trabalho? E o mesmo vale para áudio, slides e outros meios...

Isso nos levou a amadurecer a ideia de criar um espaço de pesquisa que explorasse essas questões. Foi aí que, inspirados na newsletter do Archigram, tivemos a ideia de criar algo parecido para o Nomads. A primeira edição da V!RUS, de 2006, tinha uma parte

on-line, que continua disponível até hoje, e outra impressa, que enviávamos pelo correio para quem pedisse. Qualquer pessoa podia solicitar, e enviávamos gratuitamente. Naquele momento, havia poucos periódicos com essas características, e todos ainda tinham uma formatação bastante inicial. A V!RUS começou como uma voz do Nomads. O primeiro número foi exclusivamente com pesquisas do grupo. Já no segundo, em 2009, incluímos trabalhos de pessoas do Comitê Editorial, que é internacional. Só a partir do terceiro número, em 2010, é que abrimos para submissões externas. Mesmo assim, as temáticas sempre corresponderam — e correspondem até hoje — aos interesses de pesquisa do grupo. São assuntos que, muitas vezes, nem estão completamente desenvolvidos, mas que já direcionam o pensamento de vários pesquisadores. A escolha da temática é discutida no grupo, validada numa reunião semestral e, então, definimos a chamada.

É uma revista unicamente temática. Fazer algo em fluxo contínuo, com temas muito abertos, não era o que interessava ao grupo. O que buscávamos, especialmente naquela época, era interlocução. E a internet, para o Nomads, possibilitou essa interlocução, porque estamos em uma cidade do interior, longe dos grandes centros. Isso nos deu a chance de trocar ideias e fazer contatos com muitos pesquisadores. Decidimos transformar a V!RUS em um periódico com submissões externas para convidar outros pesquisadores a participarem dessa conversa. Essa característica foi mantida até hoje. Lembro que fizemos, por exemplo, uma linha do tempo das mídias, aberta para contribuições de qualquer pessoa, e também uma sobre habitação e meios digitais, com projetos de habitação que tinham algum tipo de informatização no espaço físico. Essas iniciativas continuam on-line, mas percebemos que eram muito trabalhosas para o formato inicial de uma newsletter. Por isso, houve um intervalo de dois ou três anos até a reformulação e a publicação do segundo número.

Leo Name: Você falou sobre a questão dos dossiês temáticos, sobre a V!RUS ser puramente temática. Pelo que apurei, ela é classificada como A3, o que é uma avaliação alta. Essa classificação tem mais a ver com a pluralidade dos temas ou com procedimentos formais que vocês tenham adotado e que ajudam a revista a ser tão bem avaliada, mesmo sendo autônoma como outras não tão bem avaliadas?

Marcelo Tramontano: Olha, a avaliação do Qualis³ é um capítulo à parte. Poderia discutir horas sobre isso, inclusive sobre os critérios avaliativos, os quais eu, pessoalmente,

³ N.E. —No momento da realização do podcast, em 2023, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) ainda não havia informado sobre a substituição do Qualis Periódicos por uma nova classificação de artigos, o que só foi publicizado em outubro de 2024. Com previsão de implementação em 2025, até o fechamento deste texto as mudanças e novos critérios permaneciam envoltos em muitas dúvidas.

desconheço praticamente todos. E essa noção de que o fator de impacto é tão importante, para mim, é profundamente questionável, ainda mais num país como o nosso, ainda mais sabendo que os critérios para esses fatores de impacto são critérios do Norte, enfim, tudo aquilo que a gente já sabe...

Pelo fato de a VIRUS lançar temas que são sempre muito abertos, para ampliar a interlocução, atraímos, ao longo dos anos, muitos autores de outras áreas. E é engraçado o fato de que, assim que se encerra um período de submissão, fazemos uma consulta a quem submeteu para saber onde e quando ficou sabendo da chamada, quanto tempo restava para o fim do prazo — enfim, ter um balizamento — e muitos autores de outras áreas, como Direito, Design e Comunicações, responderem que consideram que a revista é da área deles. Isso é muito bonito, é muito gratificante, porque se pudéssemos, seríamos uma revista interdisciplinar, embora tenhamos um enorme orgulho, também, de ser um periódico de Arquitetura e Urbanismo e de poder ter essa abertura. Eu tenho a impressão de que isso conta pontos como uma popularização, uma abertura de áreas. Penso que a questão de publicarmos todos os *papers* em inglês, feliz ou infelizmente, conta pontos também. Há anos que já estamos fazendo um enorme esforço para ter uma relação mais estreita com autores e pesquisadores da América Latina e da África. Isso é muito difícil porque, compreensivelmente, talvez, muitos desses pesquisadores preferem publicar nos seus próprios países ou então fazer um esforço e publicar em revistas do Norte. Então, é um esforço muito grande, mas nem sempre tão exitoso como gostaríamos.

As duas edições da VIRUS sobre o debate decolonial,⁴ por exemplo, tiveram uma acolhida maior por conta do tema e também porque fomos bastante agressivos, eu diria, na divulgação. Divulgamos em uma infinidade de programas de pós-graduação e em cada universidade latino-americana, o que resultou em uma acolhida maior. Isso permitiu também termos mais revisores externos, pareceristas desses tantos países, o que também é excelente. Ter essa versão em inglês, desde o primeiro número, possibilita também mais acessos. Temos a mensuração de acessos de mais de 500 cidades em cerca de 60 países. Mas tudo isso que eu estou te dizendo, em termos de como tais aspectos contribuem para a avaliação do Qualis, vem de impressões, porque eu não tenho clareza dos critérios adotados pela Capes.

Leo Name: Eu acho que quase ninguém tem... Falando em interdisciplinaridade, América Latina e África, é uma boa oportunidade para passar para a Teresa [Spyer]. Vou

⁴ N.E. — Trata-se dos volumes 26 e 27 do periódico, ambos lançados em 2023: [VI26 O debate decolonial: Territórios](#) e [VI27 O debate decolonial: Expressões](#).

começar com a Teresa. Talvez os leitores não saibam, mas, embora ela esteja aqui também para falar da Laje, uma revista bastante recente entre os periódicos da UFBA, e como vice-coordenada do ¡DALE!, esse nosso grupo de pesquisa já colaborou com outras revistas. Costumamos brincar que as nossas casas viraram editoras desde a pandemia de 2020, quando tudo isso começou: eu, Tereza Spyer e Gabriel Cunha, todos ainda na Universidade Federal da Integração Latino-americana [UNILA], na época, a convite da Paola Jacques, do Laboratório Urbano da UFBA, organizamos uma edição especial sobre o giro decolonial na revista Redobra. Além disso, também auxiliamos o Marcos Jesus Oliveira, da UNILA, em vários números da Revista Epistemologias do Sul. Todo esse processo culminou na criação da revista Laje, e eu queria que você contasse um pouco sobre os interesses do grupo de pesquisa, por que o grupo começou a se envolver tanto com periódicos e por que isso é importante.

Tereza Spyer: Acho que vale a pena começar fazendo um rápido histórico do ¡DALE!, que é um grupo de pesquisa do CNPq, criado em 2016, na UNILA, e que hoje está na UFBA. A UNILA é uma universidade formalmente bilíngue, com estudantes de mais de 20 países. E, logo no começo, o ¡DALE! já abraçou o bilinguismo e a interdisciplinaridade, elementos que carrega até hoje. Apesar do grupo ter sido criado em 2016, ele cresceu mesmo entre 2018 e 2019 e hoje tem uma equipe bem diversa, com pesquisadoras e pesquisadores de mais de 15 instituições do Brasil, a maior parte brasileiros. Sempre foi um desejo nosso aumentar a participação de estrangeiros, principalmente dos demais países da América Latina e do Caribe. Ainda não conseguimos, mas felizmente temos alguns representantes hispanofalantes e a colaboração mais esporádica de pessoas do exterior, de outras universidades da nossa região. Há muitos arquitetos e arquitetas no grupo, mas tem muita gente das Línguas, da História, das Relações Internacionais, da Sociologia, da Ciência Política— é um grupo bem diverso mesmo!

Desde o começo, e ainda mais depois que o grupo foi crescendo e ganhando mais corpo, percebemos que tínhamos que enfrentar o tema da geopolítica do conhecimento. Discutimos bastante, em várias reuniões, que era importante disputar o mercado acadêmico, não só o brasileiro, mas o latino-americano, que era o nosso objetivo mais próximo. E que não só o grupo produzisse, mas também que desse visibilidade e ajudasse a fazer circular produções que achávamos muito importantes, principalmente dos demais países latino-americanos e caribenhos e sobre o giro decolonial. E aí, começamos a fazer parcerias: a primeira delas você já citou, com a revista Redobra, da UFBA.

Depois, estabelecemos uma parceria profícua com essa publicação da UNILA chamada Revista Epistemologias do Sul. Foram 8 números,⁵ trabalhamos muito, a maior parte desse trabalho durante a pandemia. Realizamos também muitos encontros, eventos...

A maior parte desses dossiês temáticos tiveram vinculação com o que chamamos de “curadorias”. É um nome que está sempre em debate, se é o adequado ou não, mas o fato é que são encontros, semanais ou quinzenais, para discutir temas que consideramos urgentes — não só os que têm vinculação com o giro decolonial, mas fora dele também. Algumas curadorias viraram dossiês em revistas: se discutia, estudava, produzia, traduzia, um trabalho intenso da equipe. Vou dar exemplos de dossiês que foram muito importantes, que são os primeiros, já de 2019: um se chama Dossiê: Giro Decolonial – Parte 1: Artes Visuais, Arquiteturas e Alteridades; e o segundo é o Dossiê: Giro Decolonial – Parte 2: Gênero, Raça, Classe e Geopolítica do Conhecimento. O que eu acho importante frisar é que propor esses dossiês, editar, trabalhar o design, a revisão, a tradução e depois publicar nos permitiu perceber que podemos cuidar do nosso próprio conhecimento e do conhecimento das outras pessoas que a gente tanto estima.

Leo Name: Essa poderia perguntar para qualquer um, mas vou fazer as perguntas para a Ana, considerando sua autoridade de professora de um programa Nota 7... Vimos, aqui, vários grupos diferentes, em momentos diferentes e por razões distintas, decidindo fazer suas próprias publicações. Existe um problema, então, no campo de Arquitetura e Urbanismo, quanto à diversidade de publicações? Faltam espaços? No seu caso específico, você mencionou a longa fila da Editora da UFMG, mas será que o problema tem a ver com algo além disso? É realmente difícil publicar? Não há espaço para o tipo de produção que fazemos?

Ana Baltazar: No caso das revistas, acho que temos muito poucas com fluxo contínuo no Brasil. Existem várias internacionais, onde os grupos de pesquisa podem publicar, mas ninguém quer ficar publicando sempre na mesma revista. Por exemplo, na área de Planejamento Urbano, há a RBEUR, a Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, que é A1, e quase todos os doutorandos acabam querendo publicar nela. O problema é que

⁵ N.E. —Diferentes pesquisadoras e pesquisadores do ¡DALE! editoraram dossiês para a Revista Epistemologias do Sul, com datas entre 2019 e 2022 — mas produzidas, na verdade, a partir de 2020 e até 2023: Dossiê Giro Decolonial – Parte 1: Artes Visuais, Arquiteturas e Alteridades (2019); Dossiê Giro Decolonial – Parte 2: Gênero, Raça, Classe e Geopolítica do Conhecimento (2019); Corpos e Sujeitos na/da Modernidade (2020); Cineclubes Cinelatinos (2020); Deslocamentos Epistêmicos (2021); Feminismos Latino-Americanos: Ativismos e Insurgências – Parte 1 (2021) e Parte 2 (2022); Paisagens e Paisagismos do Sul (2022).

há uma fila enorme, porque é muita demanda para uma revista só, mesmo sendo uma publicação temática e um pouco mais aberta.

O que acho mais complicado, nas publicações em geral, é que elas tendem a ser muito específicas, e isso não acomoda a diversidade de produção de um programa de pós-graduação. A nossa pós, na UFMG, é generalista, não é voltada para uma área específica. Ela é pensada para formar professores universitários, profissionais que vão atuar em políticas públicas ou arquitetos-urbanistas com foco em demandas sociais. Também não acho que vale a pena criar revistas só para publicar os próprios trabalhos, porque nenhuma sobrevive sendo endógena. Por exemplo, o Marcelo Tramontano estava contando sobre a V!RUS, que começou promovendo a produção do grupo, mas depois se transformou numa revista com chamadas temáticas. Mesmo que os temas reflitam os interesses do grupo, a revista não pode ser exclusivamente voltada para ele. Isso prejudica a qualificação.

O NPGAU já teve uma revista, a Topos, com vários números publicados. Particularmente, eu achava que era uma revista miscelânea, e isso acaba não sendo atraente. Você não pega uma revista para ler só um artigo. As revistas que se destacam são aquelas que têm um propósito mais claro e uma curadoria que traz uma expressividade maior. Por exemplo, a Piseagrama, que é publicada por um grupo da Escola de Arquitetura da UFMG, é, a meu ver, uma das melhores revistas do Brasil e, talvez, até em nível internacional — apesar de não se enquadrar nos critérios de qualificação da Capes. A Piseagrama publica apenas em português, mas tem uma proposta muito boa. Não faz chamadas abertas, é sempre temática. Trabalha com uma linguagem que faz dialogar imagem e texto de forma impressionante. Eles têm um trabalho de pesquisa e curadoria para encontrar pessoas que dialoguem com o tema e tragam uma diversidade muito grande. Tem uma abordagem voltada aos saberes tradicionais, que foi sendo construída ao longo do tempo.

Mas somente esse tipo de trabalho, ainda que voltado para a pós, não seria nem de longe suficiente para sustentar a produção de um programa. Por isso, optamos também pelos livros. Acho interessante, especialmente num programa de pós-graduação, que se tenha textos de maior fôlego. Claro que os artigos rápidos e as compilações são importantes, mas os livros oferecem uma profundidade que considero essencial. Isso é importante tanto para os alunos quanto para os professores. Para os doutorandos, por exemplo, ler livros inteiros é fundamental. Na seleção do mestrado do NPGAU, selecionamos três livros inteiros como leitura obrigatória. É um jeito ótimo de já barrar quem não gosta de ler.

Não tenho nada contra revistas, mas acho que, no nosso campo, é muito mais difícil garantir a sustentabilidade de uma publicação. É impressionante o que o Nomads tem conseguido com a V!RUS, por exemplo, mas mesmo assim os temas são variados e não permitem publicar toda a produção do grupo o tempo todo.⁶ Acho que falta espaço para desenvolver temáticas com mais profundidade, que vão além de pequenos recortes. Esses recortes são válidos, claro, especialmente para questões introdutórias, novas epistemologias e temas contemporâneos, porque abrem portas para essas discussões. Mas, quando falamos de um texto mais amplo, que permite explorar trajetórias ou reflexões de forma mais completa, os livros cumprem um papel fundamental.

Por exemplo, na Coleção Notório Saber, como já disse, publicamos dois livros baseados nos memoriais de trajetória do Joelson e do Cacique Babau, que receberam o título de doutorado. Esses livros são adaptações dos memoriais deles, e acho que foi muito relevante abrir essa frente nessa coleção especial. Poderiam ter sido sistematizados em artigos, mas os livros permitiram uma abordagem mais ampla. Agora, estamos expandindo a coleção com outros livros da UFMG, sempre mantendo o design que adotamos, para dar continuidade a esse trabalho.

Leo Name: Bem, eu queria comentar sobre o design, porque eu coordenei a parte gráfica das dos números da Revista Epistemologias do Sul e, agora, da Laje. O que percebemos muito claramente, na organização dos dossiês nessas revistas — e que acredito que seja parecido na V!RUS e nos livros do NPGAU —, é que um design bem definido ajuda na comunicação, seja epistemológica, seja de ideias. Na Laje, por exemplo, queríamos algo que parecesse um zine, algo mais informal, que comunicasse a essência do nome relacionado à favela, à construção improvisada... Queríamos que o design parecesse simples, mas sem perder o cuidado e o impacto. Além disso, notamos que tanto um dossiê temático quanto um livro com começo, meio e fim despertam mais interesse e fazem a publicação circular mais. O Open Journal Systems (OJS), por exemplo, que é o do Portal de Periódicos da UFBA, nos dá dados que confirmam isso. Apesar da Laje ser muito recente, quando lançamos o volume 2, houve mais impacto que o volume 1. Em apenas uma semana, tivemos mais downloads do volume completo do que dos artigos individuais e, muito rapidamente, o artigo individual mais acessado passou a ter cerca de 70 downloads, enquanto o PDF do volume completo da revista já ultrapassava 200 downloads. Isso mostra que as pessoas estão interessadas na revista como um todo. Além disso, acho que existe uma questão epistemológica, especialmente no campo de

⁶ N.E. — A V!RUS, atualmente, não apresenta mais artigos das pesquisas em andamento do grupo Nomads.usp, que a editora.

Arquitetura e Urbanismo, sobre como o design comunica ideias. Não tenho dúvidas de que um dossiê ou um livro temático ajuda a superar a fragmentação das revistas miscelâneas que, como a Ana mencionou, muitas vezes não despertam tanto interesse. Tenho a impressão de que ao se organizar um dossiê ou um livro com capítulos que tenham coerência interna, a circulação aumenta.

Queria voltar a fazer perguntas para o Marcelo, a Tereza e o João. Primeiro, poderiam falar das dificuldades do processo de tradução, considerando que tanto a V!RUS quanto a Laje e a Revista Epistemologias do Sul trabalham com traduções, ainda que com diferentes intenções? Depois, poderiam comentar sobre os formatos? No caso da V!RUS, os artigos admitem outros formatos; no caso da Laje e da Revista Epistemologias do Sul, há o peso das entrevistas e dos ensaios, os últimos costumando ser muito visuais. Qual é a importância desses formatos "alternativos"?

Marcelo Tramontano: No caso da V!RUS, antes, eu gostaria de relativizar um ponto. A intenção de termos, desde o primeiro número, uma versão em inglês dos trabalhos não era apenas para dialogar com o Norte ou com pesquisadores cuja língua materna fosse o inglês. Na verdade, era uma forma de ampliar a interlocução com outros países que não escrevem em português nem em espanhol. Muitos utilizam o inglês como língua franca, e isso nos permitiu alcançar públicos muito além dos falantes de português e espanhol. Nos dez primeiros números, talvez, nós mesmos, os pesquisadores do Nomads, realizávamos a tradução para o inglês ou para o português, no caso de o artigo ter sido submetido em inglês. Isso também está relacionado ao caráter formativo do Nomads. Não mencionei antes, mas a V!RUS sempre teve esse papel de formar os pesquisadores do grupo em vários níveis: não apenas no trabalho com textos acadêmicos, mas também na discussão sobre os trabalhos submetidos. O Comitê Editorial, por exemplo, é composto por pesquisadores do núcleo, porque o Nomads tem a intenção de formar futuros líderes de pesquisa. Essa formação ampla inclui, entre outras coisas, a experiência com traduções.

A partir da V!RUS número 12, se não me engano, passamos a condicionar a publicação à apresentação da versão em inglês. Isso fica colocado de forma clara para os autores: se desejam submeter um artigo para a V!RUS, precisam saber que, caso o trabalho seja aprovado, será necessário apresentá-lo também em inglês. Essa condição nunca foi um problema, até porque o volume de trabalhos que recebemos é bem superior ao necessário para compor cada edição.

Mas eu gostaria também de contribuir com a questão que estávamos discutindo antes, sobre a revista como um volume temático. Acho que isso é importante, porque esse

formato tem um trabalho de editoria que é quase como uma curadoria. É um processo realizado em conjunto, envolvendo dezenas de avaliadores externos, e que demanda um esforço enorme. Mas, hoje, a tendência é transformar todos os periódicos em repositórios de artigos. Dá para perceber isso, inclusive, na própria política da SciELO, no mundo todo. Quando você abre a interface gráfica da SciELO, quase não enxerga o nome da revista e dos autores. O que aparece é o título do artigo, uma paginação... Tudo dentro de um projeto gráfico que é da SciELO, e não das revistas!

Nesse sentido, acho que fazer um periódico com esse cuidado, especialmente sendo temático, é um ato de resistência política. É uma forma de as associações de pesquisa, os programas e os grupos de pesquisa proporem pautas para a área. São os temas que a gente está levantando, contribuindo para que o debate aconteça, e eu acho isso extremamente relevante. Entendo que dificilmente alguém pegaria uma edição da VIRUS e leria do começo ao fim, porque os interesses geralmente são focados nos artigos, nos autores. Mas, ainda assim, defendo profundamente que as revistas continuem sendo feitas com temas claros, com algo a dizer, algo a contribuir nesse grande debate dentro das áreas e entre elas.

Por exemplo, num número recente da VIRUS, publicamos um conjunto de slides como um ensaio fotográfico — que é lindo, aliás. Também continuamos a publicar vídeos. Nas edições 3 e 4, quando começamos a fazer isso, considerávamos que o artigo era o filme, e o texto que o acompanhava era um apoio. Foi uma aposta. Mais recentemente, começamos a publicar filmes dentro dos artigos. Eu acredito totalmente nesses formatos e acho que deveríamos explorá-los mais. Ainda temos algumas publicações assim, mas percebo que os autores, de modo geral, não entendem dessa forma. Então, o vídeo, o áudio, o que for, acaba funcionando mais como um acessório de um ensaio ou de um produto de pesquisa. Isso também vem das áreas com as quais nossas revistas dialogam. Muitas vezes, essas áreas não têm familiaridade com o uso de vídeo como metodologia de pesquisa ou como parte dos seus métodos de construção de conhecimento. É um campo a ser explorado.

Completando a questão da avaliação, todos esses critérios acabam empurrando as revistas para formatos de divulgação mais engessados, como o OJS e o PDF. Isso dificulta muito a experimentação. Até a edição 23, nós fazíamos tudo em PHP, o que permitia uma série de possibilidades, como navegações entre os textos e outros recursos. A partir da edição 24, passamos a fazer tudo em PDF, o que nos dá muito mais trabalho e limita as formas de apresentação. Infelizmente, essa escolha engessou o potencial criativo e de experimentação que tínhamos antes.

João Soares Pena: No caso da Laje, que não tem recursos financeiros, foi tudo na cara e na coragem, com muita vontade de fazer acontecer. O primeiro dossiê, o Dossiê Cidades Africanas, em três volumes,⁷ foi feito durante a pandemia, num momento em que havia cortes de verbas. Então, estávamos indo na contramão do financiamento nas universidades públicas federais. A Laje está numa universidade federal, e nós tínhamos que acumular trabalhos. Era trabalho voluntário. Tínhamos nossas obrigações regulares, mas criamos uma revista no meio de uma pandemia. De fato, foi um trabalho muito exaustivo, e só aconteceu porque acreditamos no projeto. É um debate que consideramos incontornável. Precisávamos fazer esse debate, trazer essas questões para o centro da discussão no nosso campo.

Foi isso que nos sustentou durante quase três anos de construção do Dossiê Cidades Africanas. Eu estou muito feliz de fazer parte da equipe da Laje e de ter tido a oportunidade de coeditar esse dossiê. É muito significativo ver uma revista nascer dentro de uma universidade pública, enfrentando todas as dificuldades que o ensino público no Brasil apresenta, mas que, apesar de tudo isso, consegue ter uma contribuição e demonstrar um desejo enorme de fazer acontecer.

Tereza Spyer: Antes de responder a isso, porque eu me senti provocada pela Ana, vou comentar a questão das diferenças entre livro e revista. Eu também gosto muito de livro. Se não fosse, talvez, a morosidade das editoras universitárias, nós do ¡DALE! já teríamos produzido tanto revistas quanto livros. A editora da UNILA, pelo menos na época em que estávamos começando nossas publicações, demorava três, quatro anos para publicar um livro. Claro, isso tem a ver com o fato de ser uma universidade nova, com uma editora nova, mas eu lembro que conversamos sobre isso: vamos arriscar, produzir e mandar para a editora, ou lançamos agora? Porque tem essa urgência do nosso tempo, da gente disputar esse tempo...

Então, eu me senti muito provocada e achei muito interessante o que a Ana falou sobre o cuidado com o design e a produção de um livro que não seja só digital. É outra perspectiva, com todas as questões gráficas envolvidas. Mas é difícil contar com as editoras universitárias. Hoje em dia, muitos programas de pós-graduação têm publicado livros com verbas da Capes, e isso faz com que seja mais rápido, geralmente se por editoras independentes. Mas não tem verba, normalmente, para o cuidado estético e gráfico,

⁷ N.E. — Os três volumes do Dossiê Cidades Africanas, tendo João Soares Pena (UNEB), Céline Verísismo (UNILA) e Murad Vaz (UTFPR) como editores, são os três primeiros números da revista Laje, Começaram a ser produzidos no final de 2020. O primeiro foi lançado em 2023, com a data retroativa de 2022. São eles: [Volume 1: Cidades e arquiteturas na África \(2022\)](#); [Volume 2: Cidades e arquiteturas afrodiaspóricas \(2023\)](#); e [Volume 3: Cidades, raça e emergências na África e na diáspora \(2023\)](#).

para livros belos. Normalmente, os programas precisam optar por orçamentos mais baratos, com produções mais simples e reduzidas.

Agora sim, respondendo à pergunta sobre os formatos, nós temos tentado dar muito espaço para as entrevistas, e eu devo dizer que me apaixonei novamente por esse gênero. É impressionante como entrevistas, em muitas revistas, têm um papel menor. Nas revistas de História, por exemplo, quase nunca há entrevistas, e quando tem, é uma exceção. No caso da Laje, temos dado um destaque enorme para as entrevistas. Elas conseguem capturar o nosso tempo, e eu sinto que as pessoas se sentem muito mais à vontade para tratar de temas polêmicos, difíceis ou dolorosos. E, epistemologicamente, na minha opinião, as entrevistas expandem os limites do que é considerado conhecimento. Elas disputam esse espaço e vão além do que o artigo tradicional consegue alcançar, mesmo em revistas mais inovadoras.

Outro gênero que temos explorado muito são os ensaios. A visualidade tem um peso enorme, e não é só para quem trabalha com isso. Não são apenas arquitetas e arquitetos que publicam ensaios visuais; pesquisadores de outras áreas também têm trazido contribuições muito fortes nesse sentido. É belo. Nos preocupamos em criar uma revista que continue sendo esteticamente muito bonita. Estamos desafiando, inclusive, as estruturas dos artigos científicos. Alguns textos são mais tradicionais, mas outros são bem menos ortodoxos. Não é fácil fazer isso, mesmo para quem tenta descolonizar a linguagem, a escrita e o formato.

Queria apontar uma outra coisa importante. Como buscamos colaboração de outros latino-americanos e caribenhos, precisamos considerar que o Brasil é o único país que usa o Qualis. Nos outros países da região, isso não existe. Já discutimos várias vezes como é estratégico convidar colegas desses países, porque para eles, publicar em revistas brasileiras tem valor, mas o Qualis não é determinante para progressões ou carreiras. Isso nos deu muita liberdade. Muitos estrangeiros aceitaram publicar com a gente de forma muito tranquila, tanto nas outras revistas que organizamos quanto na atual. Estamos tão acostumados a lidar com Qualis, no Brasil, que às vezes esquecemos que há outras métricas e prioridades nos países da nossa região.

Acho que essa questão do trabalho voluntário também precisa ser discutida. É urgente encontrarmos formas de repensar isso. Trabalho é tempo despendido, e precisa ser reconhecido e valorizado. As pessoas têm contas para pagar, então não dá para pensar apenas em sobrecarga e em produzir para o Lattes, especialmente num país onde muitas pessoas que fazem extensão e formação acadêmica não têm bolsa, por exemplo. Isso poderia ser uma forma, inclusive, de manter mais pessoas na pós-graduação e na

graduação. Se sempre houvesse remuneração para trabalhos como design, tradução, ou até mesmo organização editorial, seria uma maneira de garantir uma fonte de renda para que as pessoas continuassem suas pesquisas na pós-graduação.

João Soares Pena: Antes de falar sobre a tradução, eu queria complementar o que a Tereza falou sobre as entrevistas e a importância delas na Laje, especialmente no Dossiê Cidades Africanas. No total, foram dez entrevistas distribuídas em três volumes. Essas entrevistas permitiram que se estabelecesse um diálogo amplo, feito tanto com acadêmicos e acadêmicas quanto com ativistas. Eu queria frisar essa questão porque, na maior parte das revistas científicas, ativistas e pessoas ligadas a movimentos sociais quase nunca têm espaço. Isso acontece porque essas pessoas não atendem aos pré-requisitos científicos exigidos para publicação. Só que a gente tem muito a aprender com essa galera! Com as entrevistas da Laje, especialmente no Dossiê Cidades Africanas, conseguimos dialogar com pessoas que têm contribuições gigantescas, mas que, em outros formatos ou revistas, talvez nunca fossem compartilhadas. Muitas vezes, há uma preocupação exagerada com o formato, com quem é o autor, com a “legitimidade” do texto.

Falando sobre a tradução, ela é muito importante para nós. Quando decidimos discutir questões sobre cidades na África, sabíamos que se precisava dialogar com pessoas que estão pesquisando sobre esses lugares ou vivendo lá, mesmo que estejam fisicamente em outros contextos, como universidades do Norte, por exemplo. Além disso, existem textos muito importantes que não circulam no Brasil, simplesmente porque ainda não foram traduzidos para o português. É importante lembrar que, no nosso país, a maioria das pessoas não fala outro idioma além do português. Essa é a regra! Então, para fazer uma discussão que envolvesse cidades africanas, na África e na diáspora — considerando que a diáspora não é só o Brasil —, era essencial viabilizar esse diálogo em várias línguas. A tradução se tornou uma ferramenta para facilitar o acesso a essa literatura. Para muitos estudantes, pesquisadores e pesquisadoras que não falam inglês, espanhol ou outro idioma, o acesso seria muito mais difícil sem a tradução. A Laje nos deu essa oportunidade de viabilizar um pouco disso. Infelizmente, não conseguimos traduzir tanto quanto gostaríamos, porque enfrentamos limitações de recursos. Nós não somos tradutores profissionais, então contamos com trabalhos voluntários. Pessoas do próprio iDALE! e colegas próximos se dispuseram a ajudar na tradução dos textos. Dos 37 textos publicados no dossiê, 8 são traduções: 7 do inglês para o português e 1 do espanhol para o português. Além disso, uma entrevista também precisou ser traduzida: foi originalmente feita em inglês e publicada em português. A tradução teve, e continua tendo, um papel

central no material que escolhemos publicar. É essencial aproximar nossos pesquisadores, estudantes e todas as pessoas interessadas no tema de outras realidades e contextos que, de outra forma, seriam muito mais inacessíveis em língua portuguesa. Os textos que trouxemos estão agora disponíveis...

Leo Name: Eu queria finalizar sendo um tiquinho mais otimista e aproveitar para dar uma informação que eu acabei não mencionando antes. Com relação às estratégias de trabalho voluntário, mencionadas pela Tereza, no caso da Laje e da Revista Epistemologias do Sul conseguimos, pelo menos, pagar o designer, que consideramos o trabalho mais central para a finalização dos números. E aproveito para informar que o design, tanto o da reformulação da Revista Epistemologias do Sul quanto o da Laje, é assinado pelo Oswaldo Freitez, um estudante de pós-graduação do PPG-AU/FAUFBA e pesquisador do ¡DALE! desde a época em que o grupo estava na UNILA.

Quero, então, agradecer muitíssimo a Ana Baltazar, Marcelo Tramontano, João Pena e Tereza Spyer. Estou muito feliz, assim como o João mencionou, por termos conseguido fazer "limonada com os limões" durante o período da pandemia. O grupo de pesquisa ¡DALE! acabou se transformando em um grupo que também faz suas próprias publicações, algo que, inicialmente, não estava nos planos. Espero, e acredito que vai acontecer, que tenhamos conseguido inspirar outros grupos a tentarem iniciativas semelhantes. É muito importante, como o Marcelo disse, continuarmos conversando sobre o que significa produzir revistas no nosso campo. Quem sabe, no futuro, a gente faça um livro no NPGAU sobre isso, OU um dossiê na V!RUS, ou mesmo na Laje. Acho que escrever e fazer essas ideias circularem é uma grande oportunidade. Agradeço ao pessoal do Podcast Urbanidades por nos dar esse espaço para discutir e ajudar a difundir essas ideias. Obrigado a todas e todos!

Referências

CACIQUE BABAU [Rosivaldo Ferreira da Silva]. **É a Terra que nos Organiza**. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG, 2022.

ILLICH, Ivan. **H2O e as Águas do Esquecimento**: Reflexões sobre a Historicidade da Matéria. Belo Horizonte: MOM/N1 Edições, 2025.

FERRO, Sérgio. **Construção do Desenho Clássico**. Belo Horizonte: MOM, 2021.

KAPP, Silke. **Canteiros da Utopia**. Prefácio de Sérgio Ferro. Belo Horizonte: MOM, 2020.

KAPP, Silke; Baltazar, Ana Paula (eds.). **Moradia e Outras Margens**: Volume 1. Belo Horizonte: MOM, 2021a.

KAPP, Silke; Baltazar, Ana Paula (eds.). **Moradia e Outras Margens**: Volume 2. Belo Horizonte: MOM, 2021b.

OLIVEIRA, Joelson Ferreira de. **As Lutas Existem Pela Nossa Terra**. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG, 2022.

Recebido em: 04/01/2025

Aceito em: 29/05/2025

DOI: 10.9771/ppgaufaufba.v14i0.71144

Como citar: NAME, Leo; BALTAZAR, Ana; TRAMONTANO, Marcelo, SPYER, Tereza; PENA, João Soares. Produção Editorial Autônoma em Arquitetura e Urbanismo. **Cadernos PPG-AU/FAUFBA**, v. 14, n. 2, p. 84-103, 2025.



FAUFBA



PPG-AU
FAUFBA

NAPPE

NÚCLEO DE APOIO À PESQUISA
E PRODUÇÃO EDITORIAL